

## **MARX E ENGELS:**

### **GRANDEZAS E LIMITES DO MARXISMO ORIGINAL**

Marcus Gomes\*

O termo marxismo original se refere ao conjunto de ideias produzidas Karl Marx e Friedrich Engels no século 19. A obra destes dois pensadores foi um marco no pensamento denominado “ocidental”. Eles marcaram uma ruptura com o pensamento burguês surgindo no interior deste mesmo pensamento como sua negação, opondo à ideologia dominante a concepção revolucionária do proletariado de forma crítica e radical, bem como num todo coerente e unitário.

Assim, o marxismo original abriu amplas perspectivas intelectuais ao proletariado e aos intelectuais dedicados à luta operária. As grandezas do marxismo original são por demais conhecidas e até mesmo alguns de seus mais ferrenhos adversários reconhecem alguns de seus aspectos.

Basta recordar a riqueza do método dialético, desde que não seja tomado em suas sucessivas deformações, que permite a qualquer pesquisador uma orientação poderosa para sua pesquisa. Isto é ainda mais necessário para os intelectuais e operários dedicados ao problema da revolução social, que encontram em tal método recursos mentais que auxiliam a compreensão do processo social e impedem equívocos, que sempre têm ressonância prática, bem como contribuem para se pensar uma estratégia revolucionária, elemento fundamental para a luta operária.

Também a teoria marxista da história, ou “materialismo histórico”, produto de longas pesquisas e que abrem espaço para se analisar a sociedade em seu desenvolvimento histórico, cuja importância foi reconhecida até mesmo pela anarquista Mikhail Bakunin (1975), um dos mais ferozes críticos de Marx. Alguns historiadores foram auxiliados por esta teoria e assim conseguiram excelentes resultados em suas pesquisas históricas. A concepção materialista da história

---

\* Sociólogo e marxista autogestionário.

também fornece a compreensão da historicidade da sociedade, incluindo o capitalismo, foco principal de tal teoria.

A teoria do capitalismo apresentada por Marx em *O Capital* (1988) e outros escritos é de importância crucial para o movimento operário e para a compreensão da sociedade moderna. A dinâmica do modo de produção capitalista foi analisada por Marx de forma brilhante, revelando o processo de exploração, as contradições e a tendência a dissolução do capitalismo. Além disso, apresenta o engendramento de sua negação, o proletariado, rompendo com a exploração capitalista e instaurando uma sociedade sem classes, sem exploração e sem dominação.

No entanto, o marxismo original não possuiu somente grandezas, mas também limites. Obviamente que não se poderia exigir dos fundadores do marxismo um saber perfeito, completo, acabado, sem nenhum equívoco ou ambiguidade. Isto seria exigir a perfeição e isto seria coisa de um Deus e não de um mortal. Isto também seria contra os próprios princípios do materialismo histórico e só julgaria assim quem está fora do campo do marxismo, o que não é o nosso caso. Não existem “gênios infalíveis”. Assim, podemos falar dos limites humanos, pois Marx e Engels não eram perfeitos, pois eram seres humanos. Além disso, existem outros limites, históricos e sociais, sem falar nos percalços individuais e das dificuldades impostas pela própria sociedade capitalista (que nos envolve com suas falsas necessidades, exigências, valores, disputas, pressões, armadilhas etc.). Assim, se Marx não abordou apropriadamente diversas questões, se deixou afirmações ambíguas que diversas pessoas irão interpretar num sentido contrarrevolucionário, se falhou em algumas ações políticas e pessoais, se escreveu de forma não suficientemente clara a ponto de permitir simplificações e deformações, isto tudo é algo extremamente comum e que não retira em nada o mérito de Karl Marx enquanto pessoa ética, militante revolucionário e pesquisador desmistificador, ou seja, o indivíduo Marx em sua integralidade.

Assim, quando alguns retiram trechos da obra (ou pequenos fatos de sua vida pessoal) de Marx para dizer que ele era “racista”, “determinista”, “insensível”, “burguês”, “autoritário”, “burocrata da inteligência”, ou qualquer coisa parecida,

revela mais de si mesmo do que dele<sup>1</sup>. Se retiram trechos de sua obra para defender as reformas sociais ao invés da revolução; para defender o vanguardismo ao invés da autogestão; para explicar que o capitalismo possui “leis” além da vontade dos seres humanos ao invés de ser um conjunto de relações sociais acima dos indivíduos; para dizer que ele era “reformista” ou “autoritário”; tudo isto é destituído de importância. Ao lado de social-democratas, anarquistas, entre outros segmentos políticos que são chamados de esquerda, os ideólogos da burguesia são os mais acostumados a apontarem a vida íntima de Marx como acusação contra ele. Trata-se da velha estratégia de combater ideias com ataques à intimidade, convencendo os ingênuos de que alguém que tem um filho com a governanta não tem ideias verdadeiras. Outros fatos: a miséria, a ajuda financeira de Engels, os furúnculos, tudo isso foi usado (e continua sendo usado) contra Marx, bem como o muito que foi inventado, tal como afirmações descontextualizadas e interpretadas tendenciosamente para lhe provar que ele era “racista” e “pangermanista” (!). Lendo um conjunto de textos anarquistas, que, ao que tudo indica, “nunca pecaram”, resolveram “atirar as centésimas pedras” em Marx. Usam a mesma estratégia dos ideólogos burgueses. Joyeux, Skirda e cia. (Joyeux, 1986) são aqueles que, se dizendo “anarquistas”, buscam “uma nova sociedade” e acabam caindo numa mesquinha sem precedentes, revelando a putrefação de determinadas correntes anarquistas<sup>2</sup>.

Assim, devemos combater essas pseudocríticas e as críticas efetivas ao marxismo original, por sua falsidade ou equívoco, respectivamente, e, ao mesmo tempo, reconhecer as grandezas do marxismo original, bem como seus limites. Mas além dos limites “menores”, existem outros limites, mais comprometedores no

---

1 Uma crítica dessas pseudocríticas pode ser vista em Ramx (2023).

2 Os limites do anarquismo são tanto intelectuais quanto políticos. Os limites intelectuais se expressam no seu caráter doutrinário e não-teórico, bem como na influência da episteme burguesa, o que se revela mais grave em algumas correntes, fazendo de algumas tendências serem apenas concepções burguesas críticas (anarcossindicalismo, anarco-individualismo), e outras concepções ambíguas (anarco-coletivismo, anarco-comunismo). Os limites políticos, muitas vezes derivadas dos limites intelectuais, se manifestam em suas ambiguidades, voluntarismo, falta de estratégia revolucionária etc. A evolução recente do anarquismo o fez se tornar ainda mais limitado, pois acabou sendo mesclado e absorvido por ideologias, doutrinas ou concepções burguesas, reproduzindo, na maioria dos casos, o paradigma subjetivista hoje hegemônico.

marxismo original, e para quem não é adepto do marxismo como religião e por isso não é fiel a nenhuma divindade, nada mais natural que fiquemos atentos para tais limites.

Certos limites na obra de Marx e Engels são devidos ao momento histórico em que viviam. Por exemplo, fizeram uma crítica superficial aos partidos e sindicatos, bem como à ciência. Ora, hoje é bem fácil aprofundar qualquer crítica aos partidos e sindicatos, pois seu desenvolvimento histórico, justamente o que faltava na época de Marx e Engels, revelou o verdadeiro caráter dessas organizações. As análises insuficientes de Marx e Engels sobre fenômenos que posteriormente passaram a ser muito discutidos, como a questão da burocracia e do meio ambiente, também se devem ao contexto histórico. O mesmo vale em relação à ciência, que, embora outros já pudessem vislumbrar o seu caráter burguês, os fundadores do marxismo não se dedicaram a esta problemática, pois seus esforços estavam direcionados para outros assuntos. Os textos incompletos e inacabados são outros limites, tal como é o caso do texto sobre as classes sociais, sobre o estado e sobre a dialética que Marx planejara escrever e sua morte não permitiu a concretização. Alguns equívocos, tais como a tese de que o socialismo se realizaria primeiramente nos países capitalistas mais avançados, embora a emergência do imperialismo tenha mudado o contexto no qual Marx fez esta análise e ele mesmo tenha percebido que as coisas não eram bem assim.

No caso de Engels, temos limites mais graves. Embora algumas de suas obras sejam uma contribuição importante ao desenvolvimento do marxismo, algumas delas comprometem o caráter revolucionário do marxismo. O primeiro ponto, já observado por pensadores diversos, a começar pelo jovem Lukács (1989), Korsch (1977), entre outros mais recentes, é a sua tese da dialética da natureza (Engels, 1985). Trata-se de uma questão complexa no campo da teoria da consciência e da realidade, mas a posição de Engels é tipicamente cientificista e positivista. A ideia da existência de leis imutáveis na natureza e na sociedade foi defendida com ardor pelos pais do positivismo e sua estranha aparição na obra de Engels, embora sua fonte tenha sido Hegel, abre espaço para o marxismo cientificista posterior, tanto em sua

variante política (Kautsky, Lênin) quanto em sua variante intelectualista ou acadêmica (economistas, sociólogos etc.).

A concepção engelsiana vai contra várias passagens nos escritos do próprio Marx, o que demonstra que ela não estava de acordo com a teoria geral marxista. Não é aqui o lugar de fazer uma análise desta obra, mas a tese de que existem leis na realidade (social e natural) e que estas podem ser percebidas pela mente humana, abrem espaço para se pensar em um saber neutro e objetivo, e que, portanto, qualquer pessoa ou pesquisador que tenha conhecimento da dialética chega à verdade. Assim, os cientistas e filósofos ganham um papel privilegiado e se justifica o reino da *intelectualidade*. No entanto, tal tese entra em visível contradição com outras apresentadas por Marx e algumas até pelo próprio Engels. Em primeiro lugar, Marx afirmou que é o ser social que determina a consciência social. Isto significa que o saber não é produto apenas da atividade intelectual, mas do modo de vida social. Este, por sua vez, cria um conjunto de interesses, vinculados a situação de classe e atendendo aos seus limites e objetivos, o que faz com que o pensamento seja algo determinado socialmente e que possui um horizonte social e histórico delimitado (Marx; Engels, 1982) e, na maioria dos casos, um horizonte intelectual limitado, pois submetido à hegemonia burguesa (Viana, 2018; 2019).

Na época da sociedade burguesa, o pensamento burguês, e o pensamento científico, que é uma de suas formas assumidas, revelam suas limitações de classe, não podem ir além da episteme burguesa<sup>3</sup>. Ora, Engels parece não ter percebido, em que pese em seu próprio livro sobre a *Dialética da Natureza* (1985) ter apontado os elementos burgueses atuando na esfera do pensamento científico, a profundidade deste elemento histórico e social. Em outras obras, tal como seu livro sobre *As Guerras Camponesas na Alemanha* (1978), conseguiu perceber como a religião se constitui como uma estrutura de pensamento que domina todas as mentes individuais, incluindo a dos opositores. Ora, a percepção de que isto se repete na sociedade capitalista é vital para ir além da episteme burguesa. Mas Engels, em outro

---

<sup>3</sup> A esse respeito é possível consultar a obra *O Modo de Pensar Burguês* (Viana, 2018), bem como a sua continuação *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* (Viana, 2019).

escrito, intitulado *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, (1980) coloca outra observação em visível contradição: prova-se o pudim comendo-o. Isto significa um empiricismo grosseiro, mas que contradiz a metafísica grosseira das leis da dialética. O gosto do pudim não pode ser apreendido tão somente pela consciência, pela razão, mas apenas através da mediação do paladar. A razão, por conseguinte, não expressa o “ser” da natureza, mas apenas uma forma humana de abordá-la, e uma forma específica, que convive com outras formas. Daí a suposta “dialética da natureza” deixar de lado um conjunto de problemas, como a determinação social e histórica do pensamento, a questão do ser das coisas, a questão do ser daqueles que buscam compreender as coisas.

A razão desta limitação engelsiana para muitos é inexistente, porquanto ele era o principal colaborador de Marx, além de ser seu amigo íntimo e conhecer todos os seus escritos. Ora, intimidade não significa “comunhão intelectual”, pois se assim fosse os amigos e parentes de um pensador desenvolveriam suas teses. Os filhos dos grandes pensadores seriam, por conseguinte, continuadores de seus pais. Isto não ocorre, ou ocorre raramente, por um motivo muito simples: a consciência de um indivíduo é uma totalidade e uma riqueza complexa que não é “transferível” e assim como um professor não transfere seu saber para os alunos, um pai não transfere para seus familiares, um pensador (compreendendo por este termo alguém que produziu uma extensa obra intelectual original) não transfere seu saber para os seus companheiros de luta. O que ocorre, nesses casos, é uma “propagação” de ideias, que, dependendo de quem é aquele que tem acesso a ela, do contexto em que isso ocorre, da maior ou menor afinidade em relação ao campo axiomático (sentimentos, valores) de quem acessa suas ideias etc. vai gerar uma apreensão mais ou menos intensa e completa. As variações entre estes que tem acesso a tais ideias passam por diversas determinações, desde a formação intelectual e bagagem cultural, passando por valores e sentimentos, até chegar à questão da dedicação e disponibilidade. Basta citar o desenvolvimento intelectual de dois indivíduos amigos por um bom tempo e ver que a obra intelectual de cada um é produto de sua história de vida e de sua constituição singular, tal como nos casos de Marx e Ruge. Quem leu alguma obra de Ruge? Raros o fizeram e isto demonstra os caminhos singulares traçados pelos

indivíduos. Assim, Engels, apesar de sua amizade e conhecimento das obras de Marx, não compartilhou alguns elementos essenciais de suas ideias e campo axiomático e por isso muitas vezes caiu em equívocos grosseiros.

Isto abriu a porta para o marxismo posterior deformar o marxismo original, pois o seu elemento essencial se encontra na obra de Marx, mas devido seu relacionamento de amizade e colaboração com Engels, se tornou possível tornar as duas obras equivalentes e a referência a Engels acaba abrindo espaço para uma deformação do marxismo. Isto é tão verdade que Engels é o grande nome da “dialética marxista”, apesar de entrar em contradição com várias afirmações de Marx e a ideia das leis naturais e sociais estar ausente no último<sup>4</sup>.

Sem dúvida, outras teses de Engels também entram em contradição com as teorias de Marx, embora em outras passagens o próprio Engels, certamente inspirado nos textos de Marx, conseguia se reaproximar do marxismo revolucionário.

Assim, uma avaliação do marxismo original nos coloca diante de suas grandezas e seus limites, embora as grandezas sejam em muito superiores aos limites. E se separarmos Marx e Engels, os limites se tornam insignificantes. E isto prossegue no desenvolvimento posterior do marxismo, sendo que algumas tendências que se denominam “marxistas” partiram e desenvolveram os seus limites, tornando-o um pensamento limitado, vinculado à episteme burguesa, devido principalmente aos interesses de classes antagônicas ao proletariado (burguesia e burocracia), enquanto que outros desenvolveram suas grandezas, aprofundando o caráter revolucionário do marxismo. Eis a história e seus ensinamentos.

---

<sup>4</sup> Sem dúvida, Marx (1988) usou a expressão “lei” em um ou outro momento, tal como em *O Capital* (tal como no caso da “lei tendencial da queda da taxa de lucro”), porém, ele mesmo explicou, nessa obra, que essas supostas leis, ao contrário do seu uso na física, são apenas “tendências” (e que existem contratendências), o que difere radicalmente do que Engels e os pseudomarxistas posteriores, especialmente Lênin, Trotsky e Stálin, afirmaram.

## Referências

- BAKUNIN, Mikhail. *Conceito de Liberdade*. Lisboa: Rés, 1975.
- ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ENGELS, Friedrich. *As Guerras Camponesas na Alemanha*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. 3ª edição, São Paulo: Global, 1980.
- JOYEUX, M. et al. *Os Anarquistas Julgam Marx*. Brasília, Novos Tempos, 1986.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.
- LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Elfos, 1989.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 3ª Edição, São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- MARX, Karl. *O Capital*. 3ª edição, 5 vols. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- RAMX, Ralk. Em Defesa de Marx: Contra a Pseudocrítica e os Ataques Pessoais. *Revista Marxismo e Autogestão*, Vol. 10, num. 13, 2023. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/1346>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês. Episteme Burguesa e Episteme Marxista*. Curitiba: CRV, 2018.